

## RESENHAS

**PEREIRA, Alexandre Barbosa. 2016. “A maior zoeira” na escola – Experiências juvenis na periferia de São Paulo. São Paulo: Editora UNIFESP. 235p.**

*FAGNER CARNIEL*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM), MARINGÁ/PR, BRASIL  
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-7453-1993](https://ORCID.ORG/0000-0002-7453-1993)

Quem se candidata à educação básica em nossos dias? O que sabemos a respeito de nossos alunos e alunas para que assim possamos lhes ensinar algo efetivamente significativo? Como iremos lidar em sala de aula com a crise no modelo disciplinar que organiza os sistemas de ensino? O livro de Alexandre Barbosa Pereira, finalista do Prêmio Jabuti 2017, nos desafia a refletir sobre essas questões ao demonstrar etnograficamente quão distantes, e ao mesmo tempo próximos, nós docentes estamos das experiências juvenis. Para isso, o autor desloca-se por lugares de sociabilidade juvenil que não estão circunscritos aos ambientes escolares – como *lan houses*, bailes *funk*, rodas de conversa e outros tantos espaços de lazer e de divertimento – e problematiza o modo pelo qual escola e juventude se afetam e se modificam mutuamente. Nesse percurso, Pereira depara-se com as maneiras criativas e subversivas pelas quais os jovens estudantes constroem suas experiências de vida na intersecção com incontáveis práticas sociais e mediações tecnológicas espalhadas pela cidade de São Paulo. Talvez sejam justamente esses pontos de vista não escolares sobre a juventude e sobre a própria escolarização que tornam *“A maior zoeira” na escola – Experiências juvenis na periferia de São Paulo*, publicada em 2016 pela Editora UNIFESP, uma obra tão importante para quem está se formando quanto para quem já atua no universo educacional.

Ao incorporar algumas das principais mudanças tecnológicas e sociais ocorridas nos últimos anos na capital paulista, *“A maior zoeira” na escola* representa uma versão atualizada da tese de doutorado em Antropologia Social defendida por Pereira na Universidade de São Paulo, em 2010. Nessa pesquisa, o autor procura desdobrar interesses acadêmicos que o acompanham desde o mestrado e que se relacionam com os modos pelos quais jovens periféricos habitam e se relacionam com a sua cidade. A instituição escolar, então, emerge em sua investigação enquanto um desses lugares sociais capazes de reunir uma imensa variedade de práticas juvenis. Trata-se, sem dúvida, de uma instituição historicamente responsável pelo agenciamento e pela definição das juventudes modernas que se organiza, ainda hoje, em torno de dispositivos disciplinares de controle dos corpos, dos espaços e dos tempos da aprendizagem. É essa lógica institucional, contudo, que parece entrar em conflito com

as práticas e as linguagens cotidianas que grupos juvenis tidos como periféricos mobilizam “dentro” e “fora” das salas de aula para desestabilizar os mecanismos de vigilância que tradicionalmente os sujeitam. Desse modo, a etnografia de Pereira convida a embarcar na trama das tensões entre experiências escolares e experiências juvenis que se realizam também em outros pedaços da cidade por meio da mediação de tecnologias e de produtos da cultura de massa.

Logo em sua introdução, “*A maior zoeira*” na escola oferece os elementos gerais para se compreender a organização desse trabalho de campo que ocorreu entre os anos de 2006 e 2009. Concentrando-se em duas regiões da cidade de São Paulo, Brasilândia e o distrito Cidade Ademar, o autor pôde investigar sistematicamente quatro escolas, nove *lan houses* e vivenciar variados momentos de convivência juvenil em festas de rua, reuniões de bairro e eventos culturais. Além de circular por esses espaços, Pereira também aproveita aspectos de sua atuação como professor de sociologia em um colégio de classe média na região central da cidade para compor uma descrição minuciosa de elementos comparados e singulares daquilo que define enquanto a experiência de ser jovem e estudante na periferia urbana – uma experiência que relata como sendo sempre diversa, contingente e marcada por múltiplas práticas e pertencimentos. O resultado desse esforço de pesquisa é a construção de um campo de pesquisa multissituado, no qual se interessa por evidenciar as práticas criativas de jovens que reinventam os esquemas convencionais de controle social para gerar dissonâncias nas relações em que estão inseridos. Não se trata, evidentemente, de negar a força exercida pelas estruturas de poder, mas de localizar em meio a elas a articulação de redes juvenis de contestação e de antidisciplina.

Apesar de debater o papel das experiências juvenis contemporâneas na redefinição das dinâmicas escolares em todo o conjunto da obra, Pereira enfatiza dimensões dessa relação em três seções específicas, destinadas à periferia, à escola e à zoeira. Na primeira delas, intitulada *Experiências periféricas*, seis capítulos exploram diferentes usos e significados de categorias relacionais como centro e periferia, *funk* e *rap*, comunidade e criminalidade, masculinidade e feminilidade. A estratégia narrativa adotada privilegia as maneiras paradoxais pelas quais jovens disputam sentidos diversos para descrever a si mesmos, seus gostos, seus estilos de vida e suas experiências nos lugares em que vivem. Nessa direção, o autor retrata o modo pelo qual gestos cotidianos de valorização ou de desprezo pela periferia e pelas práticas juvenis periféricas, tais como escutar *funk* ou exibir-se em carros ou motos, configuram um repertório cultural por meio do qual grupos juvenis produzem seus próprios processos de identificação e de subjetivação. As músicas, os corpos, os veículos, os celulares, os computadores e outras tecnologias convertem-se em elementos relevantes dessas formas de socialidade que Pereira define como lúdico-agonísticas. Por meio desses elementos da cultura de massa, jovens performam suas experiências em um jogo ambíguo de apropriação e de ressignificação de linguagens, estilos e estéticas cujos significados conseguem manipular apenas parcialmente.

Na seção seguinte, *Experiências escolares*, nove capítulos são dedicados à análise das práticas juvenis nas escolas da periferia urbana de São Paulo. A intenção é problematizar as tensões que contrastam a rigidez dessas instituições e das pessoas por elas instituídas com a fluidez das interações juvenis. Para isso, o autor descreve cuidadosamente algumas das maneiras pelas quais tais tensões se

materializam na escola; seja nas salas de aula, onde docentes e discentes travam disputas pelo poder a partir dos repertórios de que dispõem, ou mesmo em pátios escolares, nos quais a temporalidade formal e inflexível das regras institucionais costuma entrar em conflito com o dinamismo informal e flexível das experiências juvenis. Desse modo, Pereira observa que, embora a instituição escolar mantenha a sua função disciplinadora, simbolizada pelos muros, trancas e demais restrições que ainda tentam separar a cultura escolar de todo um universo juvenil que estaria “de fora”, ela também precisa reconhecer e, em alguma medida, dialogar com as demandas estudantis na contemporaneidade. São essas demandas que desestabilizam a autoridade institucional e pedagógica ao “zoar” com a ordem escolar e escancarar as disputas entre seriedade e ludicidade – disputas nas quais a instituição quase sempre fracassa em suas pretensões de retomar o controle. Assim, a escola aparece na leitura desses capítulos simultaneamente enquanto produtora e produto das experiências juvenis.

Na terceira seção da obra, *Experiências juvenis: as zoeiras*, expressões estudantis que desestabilizam a organização e a autoridade escolar por meio de manifestações lúdicas ou jocosas são realçadas em sete capítulos. De certo modo, essas práticas sempre existiram enquanto maneiras performáticas de “causar” na escola. No entanto, conforme Pereira, as mudanças juvenis da atualidade, impulsionadas pela massificação das tecnologias da informação e da comunicação, reduzem a pressão exercida pelos mecanismos tradicionais de controle pedagógico e aproximam as escolas de outras esferas de lazer e de convivência juvenil. Nesse sentido, o autor desconstrói representações que associam a zoeira com a periferia para reposicioná-la enquanto um elemento inerente às formas de ludicidade, riso e irreverência presentes em diferentes sociabilidades juvenis. O riso que a zoeira provoca, justamente por assumir o corpo enquanto objeto do cômico, promove usos plurais que oscilam entre o amistoso e o cruel, gerando integrações e rupturas, expressando afetuosidades ou agressividades. Isso porque, ainda que a zoeira represente uma manifestação dissonante, os repertórios mobilizados para empreendê-la permanecem sujeitos a processos de subalternização, discriminação, generificação, racialização que atravessam o cotidiano social e as experiências juvenis. Dessa forma, a zoeira representa um empreendimento ambíguo, capaz de expor a saturação da disciplina escolar, ao mesmo tempo em que reforça preconceitos, estereótipos e desigualdades.

Ao concluir sua obra, Pereira ressalta a centralidade do lúdico, do cômico e do jocoso, bem como as suas inúmeras contradições, na compreensão das experiências juvenis contemporâneas. Afinal, essas dimensões da zoeira representam uma parcela significativa das respostas que jovens da periferia de São Paulo estão oferecendo à crise dos modelos de controle e interpelação das sociedades disciplinares – uma crise vivenciada intensamente no curso de sua própria escolarização. Nas escolas, alteridade e autoridade figuram enquanto elementos constitutivos dos processos de formação e de subjetivação das juventudes, desencadeando conflitos sociais e disputas geracionais que questionam os sistemas formais de ensino em suas capacidades de reinventar-se e de aprender a lidar com as diferenças. Nesse caso, como propõe o autor, a zoeira não encerra uma manifestação a ser cultuada, naturalizada ou combatida, mas sinaliza uma prática regular que precisa ser analisada em seus contextos de expressão para que outras relações, talvez mais atentas e sensíveis às atuais mudanças na vida, nos

gostos e nas práticas juvenis, possam ser construídas. Assim, “*A maior zoeira*” na escola termina por sinalizar a urgência em se aproximar os campos discursivos da antropologia e da educação para desdobrar novos estudos acerca das configurações recentes da juventude.

*Fagner Carniel é doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professor do departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (UEM).*

RECEBIDO: 10/07/2020

APROVADO: 17/08/2020